

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Como a sociedade vai lidar com o desemprego estrutural e a inveja, o ódio e uma guerra de classes?"

(Do bilionário sul-africano Johann Rupert, ao confessar sofrer de insônia por causa das tensões sociais no mundo de hoje)

Toda sorridente no Programa do Jô, amenidades em lugar do revide certo



Ilusão de Dilma

► **A presidenta insiste em buscar a convivência democrática com uma mídia disposta a derrubá-la do governo ou, por tolerância, aceitar a rendição total**

DILMA ROUSSEFF tem uma corajosa história de vida que vai muito além da valentia de machões guarnecidos pela imunidade no sinuoso ambiente da política. Muitos deles a discriminam por ser mulher. O que fazer? A presidenta parece capaz de se submeter a sacrifícios pessoais e políticos para atingir os objetivos dela ou para cumprir acordos assumidos.

Como qualquer um, Dilma ora acerta, ora se equivoca. Dois equívocos. Nos anos de chumbo fez um desvio arriscado à esquerda. Perdeu. Agora, na Presidência da República, pela segunda vez, virou precipitadamente à direita, embora a sinalização sugerisse: "Vire à esquerda". Aguardemos o desfecho.

Recentemente, a presidenta participou de uma cerimônia patrocinada pelo jornal *O Globo*. Ao discursar, condenou a censura e defendeu os princípios da liberdade de expressão. Muito bem. Agradou ao anfitrião e, por isso,

mereceu uma chamada anêmica na primeira página do jornal.

Dilma fez silêncio, mais uma vez, sobre a regulação dos meios de comunicação proposta pelo jornalista Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria da Comunicação Social do go-

verno Lula. O assunto desagradou a certos anfitriões. Dilma o evita.

A regulação está engavetada. Enfrenta enorme resistência da mídia, que desfila segurando um estandarte falso: a censura. Martins não propõe, como dizem, interferência no conteúdo das informações. Invocar esse fantasma é um jogo sujo e hipócrita. Uma nova lei de regulamentação deverá buscar e desmanchar, nos limites legais, a absurda concentração dos meios de comunicação no Brasil.

Artigo publicado na Revista Brasileira da Comunicação, assinado pelos professores Juliano Domingues, da Universidade Católica de Pernambuco, e Jorge Zaverucha, Dalson Figueiredo e Enivaldo da Rocha, da Federal de Pernambuco, responde a seguinte pergunta: "Mais concentração de propriedade da mídia, menos democracia?" Eles dão a resposta: sim. E com segurança fazem a afirmação de que, quanto menos concentrada a mídia, mais democrático tende a ser o país. E assinam embaixo: "Os dados indicam uma correlação positiva entre qualidade da democracia e a diversidade da mídia".

Nesse sobe e desce fica claro que, quanto maior a diversidade dos meios de comunicação, melhor a democracia. A elite brasileira, já se disse e é bom repetir, apenas tolera o jogo democrático. Mesmo assim, a presidenta caminha contra o vento e insiste na aproximação com os barões da mídia. Tem sido recusada. Batem a porta na cara dela com total deselegância e arrogância.

Na entrevista dada a Jô Soares, semanas atrás, Dilma manifestou suas tristezas com as críticas recebidas. Críticas? Nada demais. É saudável. Nesse momento contornou, evitou fazer referência aos excessos da imprensa, como, por exemplo, a pregação da deposição dela valendo-se de recursos sem sustentação legal. Entre outros absurdos antijornalísticos. Dilma cultiva a ilusão de oferecer a paz em troca da reciprocidade. Um acordo impossível. A mídia força o *impeachment* ou, no mínimo, a rendição total dela.

Os milionários negros não se incomodam com a rata de Dunga



Racismo

Os jogadores negros da Seleção Brasileira não se manifestaram sobre esse comentário preconceituoso do técnico Dunga: “Eu até que sou afrodescendente de tanto que apanhei e gosto de apanhar”.

Nenhum deles, parece, se sentiu atingido pelo técnico boquirroto.

São todos milionários do futebol. Seria o dinheiro capaz de mudar a cor da pele, apagar vestígios no DNA e até mesmo abafar indignações?

Um por todos

Marcelo Odebrecht enfrenta de forma diferente a queda de braço proposta pelo juiz Sérgio Moro com os presos da Operação Lava Jato.

Se depender só dele, presidente da maior empreiteira do País, não haverá o 19º delator na lista dos atingidos pela torturante prisão preventiva. Ele deu duas orientações aos advogados.

Não aceitará proposta para delatar e só antecipará a própria liberdade, por meio de habeas corpus, se o benefício for estendido aos funcionários da empresa

também encarcerados.

Marcelo, neto de Norberto Odebrecht, a terceira geração no comando da empresa, tem um item expressivo no currículo. Por livre decisão dele, na idade adequada, serviu no Exército, cumprindo o rigoroso período de serviço militar.

Os dois irmãos dele também fizeram o mesmo.

Janot vs. OAB

Quem é do meio jurídico sabe da relação de amor e ódio, mais ódio que amor, entre promotores públicos e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Em 2011, Rodrigo Janot, então subprocurador da República, acirrou a briga ao dar parecer favorável à inconstitucionalidade do exame da Ordem, derrotada no Supremo Tribunal Federal (STF).

Agora, em campanha interna para inclusão do nome dele na lista tríplice a ser enviada à presidenta Dilma, o agora procurador-geral Janot instiga novamente a briga com a advocacia.

Propôs uma Ação Direta de Inconstitucionalidade para a retirada dos advogados

públicos dos quadros da OAB.

As mensalidades pagas pelos advogados públicos, assim como o exame da Ordem, garantem boa parcela das finanças da entidade.

Maioridade penal I

Durante a sessão noturna para votação da proposta de redução da maioridade penal, os 323 deputados vitoriosos usaram os discursos ameaçadores sobre violência em busca da emoção dos brasileiros. Ou melhor, dos eleitores.

Passaram, por isso, ao largo dos números que bloqueiam a relação de causa e efeito entre os percentuais de crimes cometidos e os menores.

No dia seguinte, o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ) subiu à tribuna para falar sobre isso armado de informações que assombram a razão. Uma voz quase isolada.

Maioridade penal II

De 1990 para cá, a população carcerária aumentou 575%. “Esse boom carcerário não tem reduzido a violência”, alerta o parlamentar.

Há problemas alarmantes. Segundo dados do Unicef, apenas 1% dos homicídios praticados no Brasil é de responsabilidade de adolescentes e representa menos de 4% do total de crimes.

Em geral, o apoio à redução da maioridade penal é típico daqueles políticos preocupados com as eleições, intimidando uma maioria temporária da sociedade assustada com a violência.

Na mosca

Consideração atenta e irônica do cientista político Wanderley Guilherme dos Santos: “A modesta participação de partidos oposicionistas nos autos da Lava Jato não se deve tão somente à deliberada imperícia investigativa dos agentes do Ministério Público e do juiz que os comanda. É também porque os governos conservadores não se envolvem com empreiteiras, pois não fazem obra alguma”.